

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE ESTIMULAÇÃO DE BEBÊS EM BERÇÁRIO

Helena Éloa Lima Antunes¹; Elisangela Cavalari Alvarenga¹; Tahiana Baroni¹; Mara Westin Lemos Martin²

¹ Instituto Superior de Educação - ISE -Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP. R.Tertuliano Delphim Júnior, 181, Jardim Aquarius, 12.246-080-São José dos Campos, SP.

taybaroni@hotmail.com

² Instituto Superior de Educação - ISE -Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP. R.Tertuliano Delphim Júnior, 181, Jardim Aquarius, Cep. 12246-080-São José dos Campos, SP.

mwl.martin@gmail.br

Resumo: Em nosso trabalho, pretendemos analisar as observações de alguns autores sobre o bebê, especialmente na faixa etária de zero a um ano, as reações motoras, seu desenvolvimento e o elo que se forma com o meio comparando-as com o trabalho de campo feito por intermédio de filmagem de trechos da vida de um bebê específico, desde o nascimento até um ano de vida, período que foi dividido em fases para melhor análise, com o intuito de mostrar que essas descrições são verdadeiras, mas dependem da estimulação do adulto. Percebemos o quanto o bebê absorve tudo que lhe é transmitido pelo meio e por seus adultos cuidadores, e verificamos que ele realmente interage com o mundo ao seu redor, a partir dos estímulos que lhe é oferecido. Diante disso, mostramos a importância do estímulo do bebê, para a conquista do desenvolvimento cognitivo, físico e afetivo.

Palavras – chave: Estimulação, Desenvolvimento, Infância, Bebê, Brincar.

Área do Conhecimento: VII - Ciências Humanas.

Introdução

O que nos motivou a fazer esse trabalho foi a percepção que muitos profissionais ligados à primeira infância, tais como, pais, professores, médicos, gestores de administração escolar, dentre outros lidam, muitas vezes, com o bebê apenas com o intuito de suprir suas necessidades básicas e de afastar o bebê de perigos contra sua saúde e integridade física. Esses profissionais, por vezes, esquecem que o bebê é um ser complexo, que ultrapassa suas primeiras necessidades, necessitando de afeto, estímulo e atenção para se desenvolver integralmente.

Até a Idade Moderna, inexistia uma consideração especial para a infância. Segundo Airès (1981, p.50), [...] *até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la*. Ressalta ainda, que o bebê era visto como um adulto em miniatura, sempre calado e que não merecia ser ouvido. Nenhum laço amoroso aproximava adulto e crianças.

No início do século XVIII, se forma o modelo de família burguesa, mudando essa

concepção. Ocorre, então, a valorização da infância, gerando união familiar.

Para Wallon (1975), [...] *É-lhes indispensável uma assistência a todos os instantes. É um ser, cujas reações têm todas as necessidades a ser completadas, compensadas*. (apud Mahoney, 2005, p. 19).

Iniciaram-se, então, as primeiras preocupações com o desenvolvimento intelectual e emocional da criança.

Segundo Airès (1981), existiam naquela época posições diferenciadas sobre a infância: uma de que a criança era um ser ingênuo, que necessita de mimos, e outra de que ela estava em fase de crescimento, necessitando da transmissão de costumes, tradições e educação.

Para Hirsch & Tieman (1987), nos meses após o nascimento, parecem ocorrer períodos críticos no desenvolvimento do cérebro - semanas ou meses durante os quais a criança necessita encontrar certos tipos de estimulação ou experiência, para que o sistema nervoso se desenvolva normal e completamente (apud BEE, 1997).

De acordo com Bee (1997), o cérebro do bebê se desenvolve com uma

enorme velocidade. Entretanto, nesse primeiro ano de vida não ocorre o desenvolvimento de determinadas áreas do cérebro. Entretanto, certas experiências devem ser exigidas para que o bebê se desenvolva melhor.

A partir daí, buscamos autores que descrevessem o desenvolvimento infantil desde o nascimento; escolhemos, primordialmente, o psicólogo francês Henri Wallon e fizemos uma análise e comparação do estágio ilustrado por ele com o de um bebê, de acordo com os padrões sociais requeridos. Realizamos, assim, um estudo de caso e, posteriormente, analisamos os resultados comparativamente.

Segundo Wallon (1975a), o primeiro estágio do bebê é o estágio impulsivo emocional, de zero a um ano de idade. Esse estágio é voltado para a construção do eu e se divide em 2 momentos: impulsividade motora e emocional. Nele o bebê inicia sua vida com total dependência do meio externo. É incapaz de resolver suas próprias necessidades, precisando do meio social para interpretá-la, dar significado e trazer-lhe respostas. As reações de bem-estar ou mal-estar se manifestam sob forma de reflexos; os adultos, por sua vez, reagem afetiva e emocionalmente, atendendo e suprimindo as necessidades dos mesmos. Sabemos que o bebê cresce convivendo com os adultos que cuidam dele.

Wallon completa dizendo que nesse estágio, um período complexo, o bebê não se diferencia dos demais, não compreende o que é do meio onde vive e o que é dele. Pensa que ele e a mãe são um só ser. Com a interação entre eles, o bebê percebe essa diferença e constrói sua identidade, baseada na imitação dos mais próximos.

Segundo Wallon (1975a), o primeiro momento, denominado impulsividade motora, se inicia com o nascimento e dura aproximadamente 3 meses. O ser é quase organismo puro e sua atividade se manifesta apenas por reflexos e movimentos impulsivos. Nas primeiras semanas, as atividades do bebê estão monopolizadas pelas necessidades primárias fisiológicas; que são: posturais, alimentares e sono.

Quando o bebê sai do útero, suas necessidades não são atendidas

automaticamente e o bebê já vivencia momentos de espera, ansiedade e desconforto. Essas sensações, como, o desconforto, provocam descargas motoras (movimentos reflexos, impulsivos, não intencionais, descontínuos) como, por exemplo, as cólicas.

Para Piaget (1963b, apud Wadsworth 1997) esse mesmo período foi chamado de estágio da inteligência sensório-motora, de zero a dois anos de idade, onde o comportamento é basicamente motor. O bebê ainda não representa eventos internamente, mas seus esquemas estão se construindo.

Ainda, segundo o mesmo autor (apud Wadsworth, 1997), é bastante difícil encontrar num mesmo comportamento apenas elementos cognitivos. Embora, os fatores afetivos e cognitivos são inseparáveis num determinado comportamento, parecem ser diferentes quanto à sua natureza.

Por volta do sexto mês de vida, o bebê vive o que Wallon chamou de momento emocional. Esse momento é quando os movimentos impulsivos vão se transformando em algo que traduz um meio ou uma forma de comunicação mais elaborada. Com isso, acontece a intensidade das trocas, criando um vínculo emocional e afetivo que vão se diferenciando. É a primeira forma de sociabilidade. Por ser uma fase muito rica em troca de comunicação, o bebê consegue afetar seu envolvente, contagiando-o para o atendimento de uma solicitação, por meio de movimentos corporais, posturais, choro e sorriso.

Dessa troca afetiva entre o bebê e os seus envolventes, inicia-se uma vida psíquica, ou seja, as primeiras imagens mentais e as marcas de sua personalidade. O bebê vai estabelecendo associações e apreendendo as interpretações e significados dados pelo meio. Isso permite diversificar e concretizar suas atitudes e a faz antecipar situações.

Os primeiros atos voluntários aparecem nessa fase. Verifica-se, então, a presença de afetividade e inteligência aperfeiçoada, que é reflexo dos primeiros sinais de cognição. E também é quando o bebê começa a sentar com apoio e tenta pegar algo.

Segundo Piaget (1981b, apud Wadsworth, 1979), esse período compreende três fases: reprodução (4–8 meses), coordenação de esquemas (8 a 12 meses) e experimentação (12 – 18 meses). A reprodução envolve uma coordenação olho-mão, e a repetição de eventos interessantes. Surgem as primeiras diferenciações. A coordenação de esquemas refere-se à pura coordenação, a aplicação de meios conhecidos para resolução de problemas e antecipação de eventos interessantes.

Já a etapa posterior, a experimentação, como o próprio nome sugere é a exploração e a descoberta de novos meios.

Para Bèziers (1994, p.52), [...] *a sociabilidade do bebê dependerá da maneira como ele for preparado desde as primeiras semanas de vida.*

Logo após, por volta do nono mês, inicia-se a fase de exploração. Em seguida, a fase ORAL (mão e objetos encontrados são a todo o momento levados à boca, há intenso movimento dos pés e mãos e o bebê começa a sentir e apalpar o seu corpo). Esse estágio, rico em estímulos externos, auditivos e visuais que provocam alegria, surpresa ou medo. A presença, a voz e os movimentos humanos são sempre mais estimulantes para o bebê do que os objetos, e estes adquirem maior interesse quando apresentados por pessoas.

Nessa fase, o tônus é considerado a fonte da emoção. No bebê, a emoção produz uma comunicação forte diante da atividade tônico - postural e a criança mantém isso com a mãe correspondendo através de carícias ou entonação de voz.

Com 12 meses, o estágio impulsivo-emocional com caráter afetivo dará lugar ao caráter cognitivo, voltado para a construção do real.

Desta forma, o objetivo deste trabalho é verificar, por meio de uma revisão de literatura, a abordagem de autores relevantes com relação às observações da realidade de um bebê de zero a um ano de idade, justificando a importância do estímulo oferecido pelo meio para seu desenvolvimento, tanto, cognitivo, quanto, afetivo, social e motor.

Metodologia

Realizamos um estudo de caso, cujo sujeito foi um bebê, no período de zero a um ano de idade, a partir de observações do mesmo em várias situações cotidianas em seu lar, na presença ou ausência da mãe, que, eventualmente, estimulava o bebê. Para tal, utilizamos de uma câmera de vídeo para as filmagens. Posteriormente, analisamos os resultados, comparativamente.

Resultados e Discussão

Pôde-se observar na prática que esse desenvolvimento realmente ocorre. Há diferenças esperadas e previstas, principalmente, no aspecto tempo, de um bebê para outro e isso ocorre, porque cada bebê é singular, tem sua personalidade, depende de quão será estimulado e o quanto ele reagirá e apreenderá desse estímulo.

Por isso, a maioria dos autores pesquisados sempre se referem a uma faixa de idade e não um determinado momento.

Diante do exposto dos autores escolhidos, pôde-se comprovar que esses bebês, desenvolvem-se em todos os aspectos quando recebem amor, afeto e são levados a brincar de forma sadia, criativa, afetuosa e atenciosa.

Pode-se transmitir ao bebê todo o nosso conhecimento e é importante investir nessa relação, pois apesar de pequeno ele está vivenciando tudo que o meio lhe fornece, e ele está cada vez mais “absorvendo” todo esse conhecimento.

É um momento muito rápido, que a cada dia vai se aperfeiçoando, melhorando, começando novas etapas, mais avançadas. Todo dia, há uma tarefa a ser concluída e milhares a começar e dar continuidade.

Esse é, basicamente, o processo de desenvolvimento do ser humano, vencendo obstáculos e vivenciando novos desafios. E não é porque é um ser pequeno, que não tem limites a serem ultrapassados, principalmente no aspecto de seu desenvolvimento motor.

Por intermédio das gravações constatou-se que o bebê, além dos cuidados básicos para a sua sobrevivência, necessita de estímulos para poder se desenvolver, estímulos esses que pudemos observar nas gravações do vídeo. Na fase

de 3 meses desse bebê escolhido, verificou-se claramente os espasmos involuntários, o choro diante da frustração, a falta de interesse no brincar, a apreensão de objetos colocados em sua mão, a leve sustentação do pescoço na fase prevista e principalmente sua interação com os adultos cuidadores.

Já no período de compreendido em 4 e 6 meses, observamos sua pequena autonomia, quando colocada para dormir sozinha. Observa-se também sua melhor interação com os envolvidos aonde se percebe o sorriso como resposta e participação no diálogo com os adultos, tenta pegar objetos, brinca e se entusiasma com seus movimentos de pernas. Com o estímulo musical completados por gestos pertinentes associados, percebe nitidamente a sua participação e interesse. Salienta-se aqui, estímulo esse que provavelmente desenvolverá habilidades e competência para o estudo da matemática, como exemplo.

Entre 7 e 8 meses, apresenta uma tentativa de pegar um objeto de forma mais aprimorada, a partir da tentativa de engatinhar, que exige boa sustentação do pescoço. O bebê tenta se locomover, mas se cansa pelo esforço exercido. Depois, observamos que sentada com apoio é o incentivo e o treino para a próxima etapa de seu desenvolvimento.

No final de nossas observações, verificamos como o bebê já entende e reage às suas frustrações, por meio da birra. Está no auge da fase oral, levando todos os objetos à boca. Segura-os com mais força, senta-se com segurança e sem apoio. Explora todos os ambientes e pessoas do seu meio. Já balbucia e faz gracejos.

Considerações finais

São necessárias ao educador e às demais pessoas relacionadas à primeira infância, o conhecimento da evolução cognitiva do bebê, suas necessidades afetivas, psíquicas e fisiológicas, pois se vê que as primeiras sinapses são construídas a partir do relacionamento bebê-envolvente.

Muitas vezes nos deparamos com problemas de aprendizagem na educação infantil e alfabetização, sem levar em conta que se houvesse uma correta estimulação

desta criança quando ainda bebê o seu desenvolvimento cognitivo teria se dado corretamente.

Consideramos o “brincar” um instrumento básico para o desenvolvimento emocional, social, de linguagem e pensamento lógico, principalmente o brincar intencional voltado para o desenvolvimento do bebê.

Referências

ÁRIES, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BEE, Helen. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BÈZIER, Marie-Madeleine. **O bebê e a coordenação motora**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

COOL, César et al. **Desenvolvimento Psicológico e Educação - Psicologia Evolutiva Vol. 1**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

MAHONEY, Abigail Alvarenga et al. **Henri Wallon Psicologia e Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. São Paulo: Pioneira Educação, 1997.